

José Luiz Foureaux de SOUZA JÚNIOR

UFSM

Para alguém que eu (ainda) não conheci.

Todos os recursos da linguagem vão ser empregados para que se exprima a cotidianidade, com sua miséria e sua riqueza. E também todos os recursos de uma musicalidade escondida que não se separa da linguagem e da escrita literárias. Enigmáticos poderes predominam.

Henri Lefebvre

Pode ser que alguns considerem isto um conjunto de pequenos "devaneios" literários, em que o autor, a partir de alguns motivos de teoria estética, tece algumas considerações mais ou menos líricas em que um certo número de idéias relativamente conhecidas surgem sob roupagem nova; por outro lado, outros poderiam ceder à fascinação que esse tipo de exercício não deixa de exercer, e deixarem-se ficar por aí, seduzidos, sim, mas incapazes de vislumbrarem o alcance teórico do que está escrito.

O que provoca alguma incomodidade àqueles que partirem para a leitura com um protocolo de interrogações derivadas dos cam-

pos de saber tradicionalmente estabelecidos: a palavra literária ficará um pouco perdida, desiludida, porque nenhuma resposta deixará intacto o valor desse adjetivo.

De resto, ficará sempre uma pergunta por responder. Não se pode ousar a suposição de que seremos capazes de deixar fechadas todas as lacunas. As perguntas sempre induzem a outras perguntas e o caráter óbvio dessa observação não esgota as possibilidades de leitura de qualquer texto. A conclusão de trabalhos de leitura são sempre alguma coisa que se aproxima do confuso, do inconcluso, do precário, apesar de tudo isso estar definitivamente marcado pelo caráter de prazer; prazer que é buscado, prazer que justifica todas as nossas tentativas de leitura, uma vez que "nunca nos devemos desculpar, nunca nos devemos explicar"¹.

A referência a Bacon, por intermédio do texto de Barthes, poderia nos conduzir a cumprir a exigência de uma digressão pelo campo da Filosofia, para melhor justificarmos a escolha da citação. Esse é um procedimento tipicamente acadêmico - e não é possível querer enxergar nessa observação, alguma coisa de condenável no adjetivo utilizado. Por outro lado, depois de tentar a justificativa à remissão, caberia desenvolver uma argumentação que buscasse a articulação das idéias de outrem aos objetivos que levam o autor a escrever o que escreve.

Em Literatura, não como exceção a uma regra, mas apenas como uma particularidade das chamadas ciências humanas, uma questão salta aos olhos de leitores mais ou menos atentos: a questão

¹BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 1988, p.35.

da "autoria" de tudo o que se diz. Melhor seria dizer "autoridade", mas... não podemos dizer tudo o que queremos, da maneira que queremos. Há uma distância entre o desejo de dizer e o dizer propriamente dito, pois as instâncias de um texto recobrem subjetividades que, de uma maneira simplista e, até, grosseira, podem ser denominadas circunstâncias, diferenciadas pela própria enunciação de sua existência no discurso.

Tentando explicar. Quando uso o pronome "eu" acompanhado de um verbo devidamente flexionado em primeira pessoa, não posso deixar de admitir a existência - nem que apenas e somente discursiva, textual - de um outro "eu" que interfere na minha fala. Essa situação pode ser equacionada a partir das seguintes idéias:

A questão "quem fala?" não mais é reenviada apenas aos meandros da personalidade, mas aos "autores" múltiplos de um mesmo "eu", e ao mesmo tempo que ao eu social pelo qual os "sujeitos" se reproduzem. (...) há sempre dois autores. Mas sobretudo: a forma e a função do "eu" variam consideravelmente de um gênero para outro, segundo a natureza dos meios e segundo as situações de comunicação que eles constroem, e as relações sociais que eles produzem.²

Ainda que não esteja tratando, especificamente, da questão da autobiografia, estou quase que efetivamente exercitando minha "escrita" nessa direção. A citação, assim, se faz pertinente. Na verdade, a multiplicidade que marca a subjetividade na escrita de uma autobiografia pode ser considerada, no mesmo gênero e com o mesmo número, quando se fala de um relato de experiência. Pois é disso que se trata aqui.

²LEJEUNE, Philippe. *Je est un autre*. 1980, p.8.

Numa outra maneira de dizer a mesma coisa. O que desejo nesse texto é apresentar um percurso de formação acadêmica que, agora, pode ser compreendido enquanto uma orientação científica das idas e vindas do pensamento que vai amadurecendo ao longo dos anos. Assim, de uma forma ou de outra, creio ser possível aproximar o relato que aqui apresento ao relato autobiográfico que poderia estar escrevendo nas entrelinhas, ainda que essa não seja a minha decisão “consciente”.

De uma forma ou de outra, tudo o que digo é a afirmação de uma experiência pessoal, porque “sujética”, ao mesmo tempo que é resultado das infinitas reações e relações com o que pensam os demais sujeitos que tratam da mesma matéria. A decisão que tomei é uma afirmação e uma negação, simultaneamente. Nego a absoluta originalidade de uma autoria individual e individualizada, ao mesmo tempo que afirmo o caráter coletivo dessa subjetividade que se quer expressar como diferença. Nesse sentido, vale a pena concluir esse pequeno passo afirmando, com Bachelard, que:

Sempre e em toda parte só se afirma psicologicamente aquilo que foi negado, aquilo que se concebe como negável. A negação é a nebulosa de que se forma o juízo positivo real.³

Partindo efetivamente para a apresentação do que me interessa, sou obrigado a dizer que o percurso aqui desenvolvido não corresponde a um projeto antecipadamente pensado e elaborado. Na verdade, as conclusões a que chego são fruto de constatações posteriores experi-

³BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. 1988, p.21.

ências que não seguiram um roteiro prévio. Dessa maneira, posso afirmar que a questão da identidade - e de suas formas de representação - pode ser apontada como o vetor principal de meu percurso, na investigação literária. O campo específico de pesquisa é a produção literária em confronto constante com as possibilidades de teorização acerca das categorias dessa mesma produção.

Um primeiro momento pode ser localizado no trabalho desenvolvido através de pesquisa financiada pelo CNPq, no programa de Iniciação Científica, em 1985. Nesse trabalho, tentei elaborar uma busca séria e, até onde eu podia ir àquela altura, profunda da formulação teórica de uma categoria narrativa: a do intimismo. Há de se referendar a idéia de que, em um certo sentido, a literatura é, por natureza, um exercício de intimismo. No entanto, a idéia que eu perseguia era a da formulação de uma categoria que desse conta de explicar a peculiaridade dos procedimentos narrativos de Clarice Lispector:

A categoria intimista não é uma invenção aleatória de teóricos desaviados ou charlatães inescrupulosos. Ela não se presta a puritanismos nem sensacionalismos exacerbados. De constatação difícil e delicada, esta categoria tem o poder de representar uma possibilidade de encontro de explicações e compreensão de certos "mistérios" obscuros demais para as interferências das ciências e delicados o suficiente para a admissão de investigações estéticas, principalmente literárias, graças a seu potencial expressivo, nascido de sua natureza lingüística.⁴

A leitura de Clarice Lispector despertou a curiosidade sobre o intimismo como categoria intimista particular, característica essencial de

⁴SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. *Clarice Lispector: na intimidade do humano*. Relatório final ao CNPq, inédito, p.39-40.

um sub-gênero narrativo, o romance intimista. A escritora desenvolvia suas narrativas de uma maneira “diferente” que leva o leitor a se envolver em circunlóquios quase metafísicos sobre a existência, inclusive, da própria narrativa. Referindo-se a esse tipo de narrativa, Alfredo Bosi diz o seguinte:

O leitor estranha, à primeira leitura, certa motivação na conduta das personagens. É que os vínculos rotineiro de causa e efeito estão afrouxados nesse tipo de narrativa, já distante do mero relato psicológico. (...) forma complexa de romance em que o introspectivo, o atmosférico e o sensorial não mais se justapusessem mas se combinassem no nível de uma escritura cerrada, capaz de converter o descritivo em onírico e adensar o psicológico no existencial (...).⁵

As referências ao psicológico e a vinculação dessa característica a traços de onírico e existencial, ao lado de uma “escrita cerrada”, levaram-me a pensar numa possível articulação com o discurso psicanalítico de constituição do sujeito. Essa seria uma via possível para tentar esclarecer os meandros dessa escrita labiríntica que passeava por um certo inconsciente - o do texto - para explicitar subjetividades que, apesar de conhecidas se faziam fugidias e quase impalpáveis.

Continuando com essas especulações, comecei a desenvolver o projeto de Dissertação de Mestrado, que acabou sendo defendida em 1988 - *Estética do romance intimista no Brasil*. Ultrapassando os limites da simples especulação inicial, desenvolvi um trabalho que, articulando Literatura e Psicanálise, pudesse ousar a elaboração do conceito de romance intimista:

⁵BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 1987, p.468.

(...) passamos a observar e anotar as particularidades de cada estrato narrativo: ação, espaço, tempo, foco narrativo e personagem; considerando-os no contexto peculiar do romance intimista, em contraste com suas postulações defendidas pelo chamado "romance tradicional". As diferenças a favor do primeiro serão anotadas e compiladas, servindo de base para futura explicitação de um modelo narrativo específico.⁶

O destaque para personagem e foco narrativo - o que, em síntese, baseia-se nas considerações teóricas voltadas, especificamente, para a figura ímpar do narrador - deu o devido destaque à questão da subjetividade que se explicita no texto literário. Em outras palavras, a questão maior é a da identidade, em suas multifacetadas maneiras de expressão, constatação, análise e leitura. Começava, ainda que de maneira um tanto inconsciente, esboçar um caminho coeso e coerente para as investigações que vinha desenvolvendo.

O passo seguinte se deu com o doutorado. O projeto de tese visava a elaboração de um conceito específico de narrador para o romance intimista - o sujeito-narrador. Em sua formulação fica clara, de novo, a articulação entre Literatura e Psicanálise. O projeto inicial sofreu algumas modificações, por questões operacionais e se dirigiu, mais especificamente, para uma investigação acerca do romance intimista como peça importante no desenvolvimento de um processo identitário vivido pela Literatura Brasileira, entre as décadas de 30 e 80.

Num período marcadamente descritivo-realista, em que o Regionalismo despontava como um guia poderoso na leitura da realidade nacional, com sua atenção voltada para o coletivo, o social, o roman-

⁶SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. *Estética do romance intimista no Brasil*. Dissertação de Mestrado, inédita. Belo Horizonte, 1988, p.3.

ce intimista compareceria - na minha hipótese de trabalho com a tese - como um elemento de denúncia do impacto das mudanças vividas pelo país, no círculo da intimidade do sujeito que participava, que vivia todos os acontecimentos. A contraparte do processo identitário, a da subjetividade atormentada, seria representada pelo romance intimista:

Um certo descritivismo realista, que caracteriza o Regionalismo, contrapõe-se às especulações do romance intimista, fazendo com que o processo identitário ultrapasse os limites da nacionalidade, tal qual convencionalmente a historiografia propõe. Por outro lado, a releitura dos romances do *corpus* oferece a oportunidade de redimensionar a relação crítica que tais romances podem estabelecer, em primeiro lugar com seu próprio contexto cultural e, em segundo, com a própria historiografia literária.⁷

É necessário destacar da citação duas idéias que considero fundamentais para o desenvolvimento de minha proposta aqui: nacionalidade e História. O destaque se justifica pelo fato de que, hoje, é possível apontar esses dois vetores como os responsáveis pela continuidade de meu trabalho de pesquisa.

De um lado, a nacionalidade continua sendo um ponto de referência fundamental, uma vez que os estudos literários sempre passam por esse problema, o da "definição" de uma nacionalidade literária. Ainda que essa questão esteja tomando direcionamentos diferentes ao adotado no trabalho de doutoramento - o que em nada diminui o valor das pesquisas já realizadas - no momento, ela volta para sustentar o desenvolvimento de minhas pesquisas, já colocando uma questão cru-

⁷ _____. *Caleidoscópio de vestígios e fragmentos: visões da literatura intimista no Brasil*. Tese de Doutorado, inédita. Belo Horizonte, 1995, p.4.

cial: é ainda possível pensar em "identidade literária", em termos de uma certa totalidade nacional?

No momento, o que me chama a atenção é o fato de que a hipótese levantada na tese de doutoramento sustenta minhas dúvidas, no sentido de já apontar um caminho possível para equacionar os problemas que vão sendo apresentados, ou melhor, criados com a leitura continuada dos textos. Numa retrospectiva rápida, pode-se constatar que a questão da identidade sempre esteve implícita em meu trabalho como pesquisador e, no momento esse viés da nacionalidade se torna o vetor mais específico para pensar as generalizações viáveis e possíveis que o trabalho vai apresentando.

Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa, com duas bolsistas de iniciação científica que, no âmbito da literatura sul-riograndense, pensam essa mesma imbricação de conceitos, procurando entender o fenômeno denominado "literatura sul-riograndense". Como consequência, estou dando início à terceira etapa desse projeto que tem por objetivo específico repensar o conceito de identidade literária - regional e nacional - o que, de resto, me parece poder articular-se ao trabalho da Literatura Comparada, sem maiores problemas.

Paralelamente a esse trabalho, as atividades do grupo de pesquisa "Sentido e Significação" - formado por professores do Curso de Letras da UFSM, alguns deles ligados diretamente ao Mestrado em Letras - está propondo o tema "Significações da Modernidade" como ponto de convergência das pesquisas dos componentes do grupo. Nesse sentido, pretendo apresentar as constatações (ainda que parciais) de meu trabalho individual de pesquisa como subsídio para pensar a questão da

identidade no contexto da Modernidade, tentando começar com a afirmação (discutível e, por isso mesmo, instigante) do esgotamento da noção de Modernidade:

Esse esgotamento da idéia de modernidade é inevitável, já que ela se define, não como uma nova ordem, mas como um movimento, uma destruição criadora (...). O movimento atrai aqueles que durante muito tempo se fecharam na imobilidade; ele cansa torna-se vertigem quando é incessante e não conduz senão à própria aceleração. Por ser a modernidade uma noção mais crítica que construtiva, ela requer uma crítica que seja por si mesma hipermoderna, o que protege contra as nostalgias que, sabemos, tomam facilmente uma aparência perigosa.⁸

O que me parece interessante destacar é a idéia de esgotamento, simultânea à de continuidade que perpassa a concepção de Modernidade, nos termos da citação. Dela gostaria de destacar esses dois aspectos pois, particularmente, sempre me interessa por esse movimento incessante que marca e diferencia o fazer acadêmico. É pena que nem sempre esse princípio prevalece. A crítica a esse fato pode ficar relegada a um outro momento. Agora, desejo apenas afirmar o propósito de meu trabalho que é o de não deixar esmorecer o esforço humano no sentido de manter viva a curiosidade intelectual, o compromisso acadêmico com a produção de saber e a ousadia, típica do ser humano, em vôos cada vez mais amplos. No fundo e no fim, o que interessa mesmo é a manutenção de todas as possibilidades, uma vez que nos é impossível dar a palavra final ao que quer que seja.

⁸TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. 1994, p.100.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. Trad. de Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988. Série Temas, 6.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1988. Signos, 5.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Trad. de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991. Série Temas, 24.
- TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. Trad. de Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994.